



Marisa Fernanda Pereira da Silva

Nº 27178

Aceitação-rejeição parental e a sua relação com a realização de comportamentos disruptivos e com a empatia em jovens portugueses

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Francisco Machado e da Professora Doutora Márcia Machado, Instituto Universitário da Maia

setembro 2015

Dedicatória

Aos meus pais que amo de paixão incondicionalmente e que estão sempre presentes em todos os momentos.

Agradecimentos

A concretização deste estudo só foi possível com o apoio de todas as pessoas que me rodeiam e que têm um lugar especial na minha vida. Agradeço:

À Diretora do Centro de Formação Profissional onde foram aplicados os questionários, aos seus formandos e formandas que colaboraram para que esta investigação fosse possível.

Aos meus orientadores, Professora Doutora Márcia Machado pela ajuda imprescindível nos momentos mais difíceis e pelo profissionalismo inigualável e ao Professor Doutor Francisco Machado por nunca desistir de mim e me incentivar a terminar este projeto.

Às minhas amigas Sónia e Joaquina pelo apoio e conforto.

Aos meus pais que são as pessoas mais importantes da minha vida, a quem eu agradeço tudo o que conquistei e sou até hoje e acima de tudo por me “ensinarem” a ser feliz.

E por fim ao meu marido Tiago que é o meu porto de abrigo em todos os momentos.

Resumo

A presente investigação tem como finalidade compreender a aceitação-rejeição parental e a sua relação com a realização de comportamentos disruptivos e com a empatia em jovens portugueses. Para cumprir os objetivos propostos foi realizado um estudo quantitativo, utilizando três questionários, o PARQ (Questionário de Aceitação-Rejeição Parental – Versão Adulto; Rohner, 2005), o CAD (Escala de Condutas Antissociais e Delitivas; Formiga & Gouveia, 2003) e o IRI (Escala Interpessoal de Reatividade; Davis, 1983). Em relação à amostra desta investigação, esta foi constituída por 181 alunos/as da região norte do país, cuja faixa etária se encontra entre os 15 e 28 anos de idade. Os resultados principais obtidos indicam que a perceção de rejeição se encontra estatisticamente correlacionada de forma positiva e significativa com os comportamentos disruptivos; e os comportamentos disruptivos relacionam-se negativamente de forma significativa com a consideração empática. Esta investigação realça a importância de se apostar/desenvolver uma perceção de aceitação parental, investindo-se ainda no desenvolvimento da empatia, por forma a impedir e a extinguir os comportamentos disruptivos.

Palavras-chave: aceitação-rejeição parental, comportamento disruptivo, empatia

Abstract

This research aims to understand the parental acceptance-rejection and its relation with the realization of disruptive behavior and empathy in young Portuguese. . To fulfill the objectives proposed a quantitative study was conducted using three questionnaires, PARQ (Parental Rejection-accept Questionnaire – Adult Version; Rohner, 2005), CAD (scale of anti-social Criminal Conduct; Formiga & Gouveia, 2003) and IRI (Interpersonal reactivity Scale; Davis, 1983). In relation to the sample of this research, this was composed of 181 students in the northern region of the country, whose age is between 15 and 28 years of age. The main results indicate that the perception of rejection is statistically correlated positively and significantly with the disruptive behavior; and disruptive behaviors relate significantly negatively with empathic consideration. This research highlights the importance of investing / developing a perception of parental acceptance, investing is still in the development of empathy in order to prevent and extinguish disruptive behavior.

Key words: parental acceptance-rejection, disruptive behavior, empathy

Índice

Introdução	8
Parte I - Revisão da Literatura	10
1. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner	10
2. Teoria da Aceitação – Rejeição Interpessoal	12
3. Comportamentos Disruptivos.....	17
4. Empatia.....	20
PARTE II – Método	23
1. Objetivos do estudo	23
2. Problemas e hipóteses de investigação.....	23
3. Amostra	25
4. Apresentação dos instrumentos	26
4.1. Questionário sociodemográfico	26
4.2. Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD) Seisdedos (1988), Formiga (2003) – Versão Portuguesa para Investigação Duarte & Neves (2012)	27
4.3. Escala de Reatividade Interpessoal (Davis, 1983; Versão Portuguesa para investigação por Machado & Machado, 2013)	27
4.4. Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (ADULT PARQ, versão curta) (Rohner, 2004)	28
5. Procedimentos	29
Parte III - Resultados	30
1. Discussão dos resultados	35
Parte IV – Conclusão	37
Referências Bibliográficas	39

Índice de figuras

Figura 1. Esquema das dimensões da Teoria Aceitação-Rejeição Parental (adaptado de Rohner, 1986, 2000).....	14
--	----

Índice de tabelas

Tabela 1. Distribuição dos/as participantes pelos cursos.....	25
Tabela 2. Agregado atual dos/as jovens.....	26
Tabela 3. Análise descritiva das variáveis em estudo.....	30
Tabela 4. Correlação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e os comportamentos disruptivos.....	32
Tabela 5. Diferenças entre o sexo do jovem, empatia e comportamentos disruptivos.....	33
Tabela 6. Diferenças entre o sexo do jovem e a perceção de Aceitação-Rejeição Parental...	34

Introdução

A presente investigação tem como objetivos perceber a relação entre os comportamentos disruptivos e a perceção de aceitação-rejeição parental, a relação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e a empatia, e a relação entre a empatia e os comportamentos disruptivos. Este estudo centrou-se assim nos presentes objetivos expostos, pois segundo a Teoria de Aceitação-Rejeição Interpessoal, a perceção de aceitação ou rejeição interpessoal pode interferir no desenvolvimento do indivíduo, quer a nível psicológico, cognitivo e comportamental (Rohner, 1986).

A família é primordial no desenvolvimento do indivíduo a todos os níveis e por sua vez interfere no desenvolvimento dos seus comportamentos. A qualidade das relações familiares influencia o comportamento do sujeito face às adversidades que surgem, à construção da sua identidade e na construção das relações interpessoais (Polonia & Dessen, 2005).

Segundo a literatura, a empatia é considerada uma variável multidimensional, que resulta da interação de dimensões cognitivas e afetivas, as quais podem exercer diferentes efeitos na pessoa, no que diz respeito ao comportamento emocional do indivíduo (Strayer, 1987, as cited in Anastácio, 2013). Na adolescência uma vinculação segura aos pais e aos pares permite uma menor predisposição para comportamentos desviantes (Laible, Carlo, & Raffaelli, 2000 as cited in Anastácio 2013).

Assim, uma vez que a perceção de rejeição parental pode influenciar o desenvolvimento de comportamentos disruptivos e estes também podem ser influenciados pela qualidade das relações com os/as seus/suas progenitores/as, torna-se pertinente estudar a perceção de aceitação-rejeição parental e de que modo esta perceção se relaciona significativamente com os comportamentos disruptivos nos/as jovens. Tendo em conta, que a empatia resulta de dimensões afetivas, torna-se relevante estudar a relação desta com a perceção de aceitação-rejeição parental.

Desta maneira, a presente investigação pretende estudar a relação entre a perceção de aceitação-rejeição parental, os comportamentos disruptivos nos/as jovens e a empatia destes/as.

A nível de organização, esta dissertação divide-se em quatro partes principais. A primeira parte, dedicada à revisão da literatura, em que se aborda a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner; a Teoria da Aceitação – Rejeição Interpessoal de Rohner; os comportamentos disruptivos e a empatia. A segunda parte debruça-se sobre o

estudo empírico, em que se explana toda a metodologia aplicada, desde os objetivos de estudo propostos, os problemas e as respetivas hipóteses de investigação, a amostra em estudo e todos os instrumentos utilizados na recolha de dados. Na terceira parte, apresentam-se os resultados obtidos bem como a discussão dos mesmos confrontados com a revisão da literatura. E na quarta parte, e última, apresentamos uma conclusão desta investigação.

Parte I - Revisão da Literatura

1. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

As relações interpessoais desenvolvidas ao longo da vida e as interações entre os vários sistemas em que a pessoa está inserida, afetam o desenvolvimento humano. Este desenvolvimento pode ser condicionado por fatores internos e externos ao indivíduo, sendo as relações interpessoais um dos principais fatores externos à pessoa, onde se pode destacar o microsistema família que exerce grande influência no desenvolvimento do sujeito (Bronfenbrenner, 1979). Bronfenbrenner (1986) criou assim a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, tendo partido do pressuposto que o indivíduo não se desenvolve apenas com base nas características biopsicológicas, mas sofre também influência no contexto onde se encontra inserido, desde o contexto familiar, social, económico e cultural (contextos que se relacionam entre si). Neste sentido, a forma como a pessoa interage nos diferentes contextos e as relações que desenvolve, moldam o seu comportamento e influenciam o seu desenvolvimento.

Este modelo proposto por Bronfenbrenner (1979), refere que o indivíduo se desenvolve e se relaciona através de vários contextos, sendo eles: o microsistema, o mesossistema, o macrosistema, o exossistema e o cronossistema (Bronfenbrenner, 1979; Gomes, 2013; González, Haydar, Utria, & Amar, 2013; Monteiro, Nascimento, Montesano & Farias, 2013).

O microsistema é o sistema onde se desenvolvem as relações mais próximas e diretas com o meio, incluindo a família, o grupo de pares, a escola e as creanças pessoais. Estas interações favorecem as relações interpessoais como por exemplo pai-mãe, mãe-filho/a, pai-filho/a (Bronfenbrenner, 1979).

O mesossistema diz respeito às relações compreendidas entre os microsistemas, isto é, as ligações desenvolvidas nos contextos em que a pessoa se insere (Bronfenbrenner, 1986). Desta forma, Bronfenbrenner (1977, as cited in Ali, 2011) menciona que a transição ecológica consiste no alargamento do mesossistema através de relações ou acontecimentos, como por exemplo mudanças na família (nascimento de um/a filho/a), alteração de papéis e dinâmicas no seio familiar, situações estas que enriquecem o mesossistema de cada pessoa.

O exossistema diz respeito a todos os recursos sociais que influenciam o indivíduo indiretamente, ou seja, o indivíduo não participa no contexto, mas pode ser afetado por ele. Por exemplo, tendo em conta o contexto de trabalho do pai: o pai pode trazer para casa problemas do trabalho, que pode afetar emocionalmente a criança de forma indireta; conflitos

entre o pai e a mãe podem perturbar a criança e afetar o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner, 2001).

O macrossistema diz respeito à cultura e à circunstância sócio histórica em que a pessoa está inserida, tendo em conta os valores e ideologias da sua cultura. O comportamento de cada pessoa pode ser condicionado pela cultura onde esta se insere, respeitando determinados padrões (Bronfenbrenner, 2001).

Por último, de acordo com Bronfenbrenner (Berger, 2003), o cronossistema diz respeito ao tempo, isto é, analisa-se o desenvolvimento da pessoa tendo em conta os acontecimentos ambientais e as transições ecológicas ao longo da vida de indivíduo.

Bronfenbrenner na sua Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano deu maior ênfase às variáveis contextuais onde o indivíduo se insere, dando menor importância às características biopsicológicas da pessoa, o que fez com que Bronfenbrenner reformulasse a sua teoria para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Deste modo Bronfenbrenner refere que as interações da pessoa em desenvolvimento são influenciadas pelo contexto/meio, bem como, pelas características da pessoa. Assim sendo, a pessoa não pode ser observada de forma isolada, mas sim inserida em contextos e ambientes onde interage. A ação do indivíduo é condicionada pela forma como este percebe o seu ambiente moldando-se mutuamente (Portugal, 1992). As ligações ao ambiente e o seu impacto afetam o crescimento psicológico e as disfunções do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2001).

Destaca-se então, que a família é um microsistema de grande destaque no desenvolvimento da criança/adolescente, sendo que se este se inserir num ambiente desfavorável, pode despoletar uma situação de risco (Linares, Russilo, Cruz, Fernández & Arias, 2011). Num estudo realizado por Linares et al. (2011), verificou-se que o desajustamento parental, a falta de controlo paterno e o baixo nível socioeconómico estão relacionados com o aparecimento de problemas psicológicos e alterações comportamentais na infância e na adolescência.

2. Teoria da Aceitação – Rejeição Interpessoal

O sentimento de sermos quem somos e de pertencermos a uma determinada família advém das emoções e afetos positivos e negativos que experienciamos no seio da família, sendo “a família um lugar privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação: contatos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais. É ainda um espaço de vivências profundas.” (Alarcão, 2000, p.35).

No desenvolvimento dos indivíduos a família é tida, normalmente, como o primeiro ambiente de socialização, moldando-se para que cada elemento que a constitui seja inserido, assimilando o que faz parte dela a partir da cultura em que se insere. Desta forma, todo o suporte emocional, a segurança e o bem-estar físico e psicológico deve ser assegurado pela família ajudando na transmissão dos valores, crenças e significados da sociedade (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003).

A proximidade no seio familiar, nomeadamente com os pais, é um importante fator para um desenvolvimento positivo da criança. Tal como Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington e Bornstein (2000, as cited in Barros, 2012) mencionam a criança tendo uma boa estrutura familiar fará com que ela tenha relações interpessoais mais equilibradas, pois as relações familiares são uma base inicial de interação entre as pessoas, que poderá interferir direta ou indiretamente com futuras relações. Bronfenbrenner (1979) também defende que os estilos parentais e práticas educativas são influenciadas pelas relações de poder dentro das famílias. A falta de afeto ou a rejeição gera consequências negativas para o desenvolvimento da pessoa. Se numa relação entre pais e filhos/as for inexistente o afeto, a reciprocidade, e o equilíbrio do poder, o desenvolvimento normal da criança pode ser afetado, comprometendo as relações que ela possa vir a desenvolver mais tarde. Num estudo realizado por Gomes (2011), verificou-se que práticas parentais positivas são preditores de comportamentos mais adaptativos e mais pro-sociais nos/as seus/suas filhos/as. As ligações estáveis e positivas entre pais e filhos/as geram na criança sentimentos de segurança e previsibilidade (Simões, 2007). Desta forma, a família é o suporte para a construção e desenvolvimento do indivíduo (Rohner, 2004). Rohner (1986) desenvolveu as suas investigações em torno das consequências e causas advindas da perceção da aceitação ou rejeição parental no desenvolvimento da criança, criando assim a Teoria da Aceitação-Rejeição Parental (*PARTheory*) que posteriormente veio a designar-se Teoria de Aceitação-Rejeição Interpessoal (*IPARTTheory*). Uma vez que, esta teoria tem vindo a expandir-se no que respeita aos seus estudos e a sua envolvência, incluindo atualmente as relações interpessoais que vão para além da relação das crianças com os seus

pais alargando assim para outros grupos significativos, tais como professores/as e grupo de pares, e que contribuem para o desenvolvimento da criança/ adolescente (Bartholomeu, Carvalho, Silva, Miguel, & Machado, 2011; Coelho, 2012; Rohner, 2010; Wang, McDonald, Rubin, & Laursen, 2012).

A Teoria de Aceitação-Rejeição Interpessoal é uma teoria de socialização, que procura explicar em que medida a perceção de aceitação ou rejeição influencia o desenvolvimento do indivíduo e que consequências acarretam para a sua vida futura (Rohner, 1986). A perceção de aceitação ou rejeição parental pode trazer consequências para o desenvolvimento do ser humano, pode afetar o ajustamento psicológico, cognitivo e comportamental (Rohner, 1986).

Os estudos sobre a *IPARTheory (Interpersonal Acceptance-Rejection Theory)* são muitos deles focados no fenómeno da aceitação-rejeição parental e na sua importância para o desenvolvimento emocional e social do ser humano. Estes estudos têm todos o mesmo objetivo, ou seja, comprovar que no desenvolvimento emocional e social da criança é importante o amor parental (Rohner, 2004), pois ao longo da vida o ser humano interioriza sentimentos de aceitação e de rejeição por parte das figuras parentais, que pode condicionar o desenvolvimento ao longo de toda a vida.

Os conceitos de aceitação e rejeição estão inseridos na dimensão do afeto da parentalidade (“*The warmth dimension of parenting*”) (Rohner, 1986; Rohner, 2004). Esta dimensão consiste na nossa perceção do carinho prestado pelos cuidadores, exposta num *continuum* que se refere à forma como percebemos essa mesma aceitação ou rejeição ao longo de toda a infância. Uma vez que esta dimensão é um *continuum*, numa das extremidades está representada a aceitação e na outra a rejeição (Rohner, 1986; Rohner, 2004).

Entende-se por aceitação parental todo o afeto, atenção e amor que é transmitido pelos pais aos/às seus/suas filhos/as. Este processo pode ocorrer de forma física e/ou de forma verbal. A expressão física de afeto pode ser demonstrada através de beijos, abraços, sorrisos, carinhos, olhares de aprovação, entre outros. No que diz respeito à expressão verbal, esta implica valorizar verbalmente os sentimentos através de expressões de elogio e de coisas positivas sobre a criança. (Rohner, 2004). Por outro lado, a rejeição parental é caracterizada pela ausência de calor humano e afeto por parte das figuras parentais ou de vinculação afetando o nível físico e psicológico das crianças (Rohner, 1975; Rohner, 1986). Existem quatro manifestações distintas de rejeição parental: a rejeição indiferenciada; a indiferença e negligência; a hostilidade/agressão e a frieza ou ausência de afetos (Rohner, 2004). A rejeição indiferenciada refere-se à crença de que a criança desenvolve em relação aos pais, sentindo que estes não a amam, não se preocupam, não gostam e não se interessam por ela. A

indiferença e negligência como o próprio nome indica, assume-se pela ausência de atenção às necessidades do indivíduo, indisponibilidade física ou psicológica. A hostilidade/ agressão pode exprimir-se de forma física (empurrar, arranhar, bater, pontapear, etc) ou verbal (usar sarcasmo, menosprezar, dizer coisas más ou cruéis, insultar, etc). A frieza ou ausência de afetos pode expressar-se de forma verbal (ausência de elogios, louvores e verbalizações agradáveis, etc) e de forma física (ausência de beijos, abraços, carinho, etc) (Rohner, 1986).

Na Figura 1 pode observar-se os tipos de comportamentos de aceitação e de rejeição interpessoal definidos por Rohner (1986):

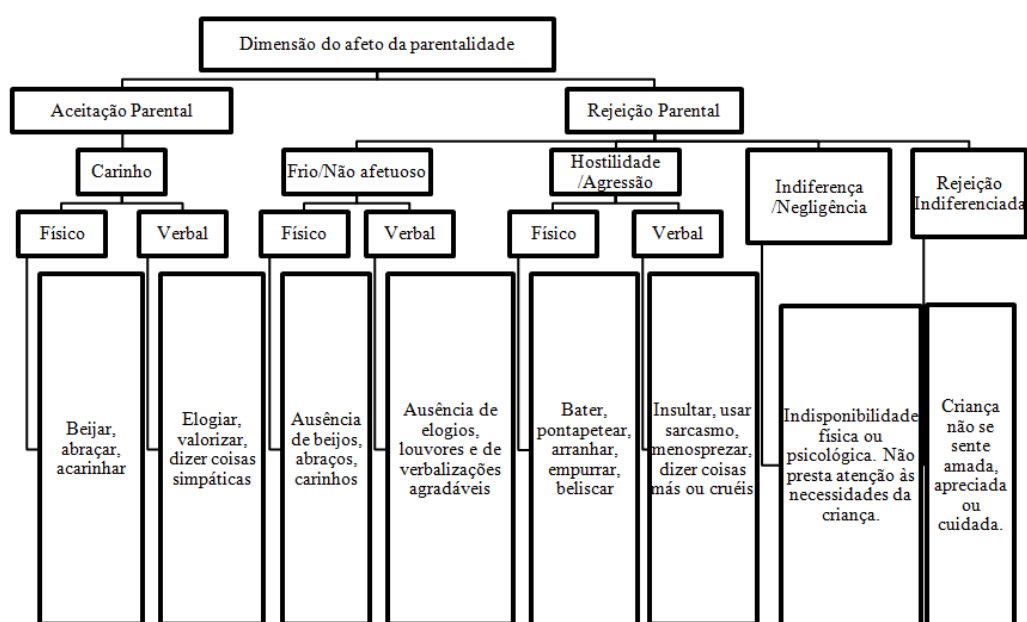


Figura 1.

Dimensão do Afeto Parental (Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2012)

Dentro da teoria de aceitação-rejeição interpessoal encontram-se três subteorias: subteoria da personalidade, subteoria de *coping* e subteoria e modelo sócio cultural de sistemas.

A subteoria da personalidade depreende que o ser humano desenvolve uma necessidade emocional, biológica e sólida ao longo da vida através da presença de estímulos positivos das pessoas mais significativas e importantes. Uma necessidade que é traduzida no desejo de conforto, apoio, afeto e preocupação, e que está inteiramente ligado à qualidade das figuras parentais e das relações que daí resultam (Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2012).

De acordo com a *IPARTheory*, a rejeição parental pode desenvolver problemas de personalidade que por sua vez influenciam o desenvolvimento interpessoal desencadeando

problemas como baixa autoestima, desajustamento das respostas emocionais, baixos níveis de auto-adequação, dependência e instabilidade emocional (Rohner et al., 2012). Devido a este mau estar psicológico alguns indivíduos adotam uma postura designada por independência defensiva, que consequentemente pode levar ao processo de rejeição no sentido inverso, ou seja, acabam por tender a rejeitar quem interpretaram que os rejeitou. Esta rejeição para o indivíduo pode significar também instabilidade emocional na medida em que desenvolvendo muitas das vezes uma auto avaliação negativa de si mesmo (pois passa a perceber-se como ele pensa que os outros o veem) (Rohner et al., 2012).

De acordo com esta subteoria, as crianças rejeitadas tendem a entender as relações interpessoais como imprevisíveis, não confiáveis e dolorosas, tendo repercussões futuras nos novos relacionamentos (Rohner et al., 2012).

Dentro da subteoria do *coping*, a *IPARTheory* procurou dar resposta à seguinte questão: com base em experiências de rejeição em criança, como se desenvolve a resiliência em adulto?

O conceito de *coper* inclui o conceito de *coper* afetivo e *coper* instrumental. O *coper* afetivo refere-se à influência que a percepção de rejeição parental exerce sobre o desenvolvimento funcional, emocional e social. Por outro lado, o *coping* instrumental indica-nos que não há interferência da rejeição parental nas competências, nem no desempenho ocupacional, ou seja, apesar de rejeitados conseguem ser bem-sucedidos ao nível académico, profissional bem como em outras atividades, no entanto isto pode condicionar a saúde mental e emocional (Rohner et al., 2012).

A perspetiva da subteoria de *coping* é multivariada, baseada, no self, nos outros e no contexto. É também reforçada por três fatores sociocognitivos: o sentido de si, a auto determinação e a despersonalização que são entendidos como mecanismo de defesa, ajudando a contornar as consequências da rejeição (Rohner et al., 2012).

A nível socio cultural a *IPARTheory* procura compreender os processos envolvidos na parentalidade (afetuosidade vs agressividade, negligência, rejeição), tendo em conta os vários fatores psicológicos, sociais, emocionais e familiares. Importa assim perceber em que circunstância as crenças e os comportamentos familiares estão relacionados com o contexto social em que estão inseridas as figuras parentais (Rohner, 2004).

Segundo Rohner (1986), a subteoria dos sistemas socioculturais enfatiza três conjuntos de relações, são eles: a relação entre a aceitação-rejeição e o ambiente natural; a relação entre a aceitação-rejeição e o sistema de manutenção e a perspetiva evolutiva do relacionamento entre aceitação-rejeição e a economia de subsistência.

Especificando um pouco mais, esta subteoria integra ainda sete elementos: 1) ambiente natural; 2) sistemas de manutenção; 3) comportamento parental; 4) personalidade e comportamento infantil; 5) experiências de intervenção desenvolvimental; 6) personalidade do adulto; 7) sistemas e comportamentos expressivos institucionalizados (Rohner, 1986). O ambiente natural refere-se ao mundo físico, como o clima, a temperatura, entre outros (apesar de a evidência empírica acerca do impacto direto do ambiente na aceitação-rejeição interpessoal ser vaga). O sistema de manutenção direciona-se para as características socioculturais que suportam a sobrevivência da família e dos membros da comunidade, auxiliando a manutenção da integridade da população no sentido físico e cultural. No que se refere ao comportamento parental, este tem em conta os comportamentos de vigilância e crenças dos cuidadores (Rohner, 1986). Os sistemas expressivos institucionalizados e comportamentos reportam para as tradições religiosas, artísticas, comportamentais entre outras, de determinada sociedade. Os sistemas expressivos são criações simbólicas formuladas, ao longo do tempo, pelos indivíduos que estão inseridos na sociedade. Assim, tal como as pessoas, os sistemas e comportamentos expressivos tendem a mudar ao longo do tempo. Importa assim realçar que, embora os sistemas expressivos sejam criações humanas, uma vez criados e incorporados no sistema sociocultural, tendem a moldar as crenças e os comportamentos futuros dos indivíduos (Rohner et al., 2012).

Ao abordar o tema de aceitação parental, a investigação realizada realça a sua importância no ajustamento psicossocial do sujeito. A perceção de rejeição poderá desencadear problemas comportamentais, emocionais e sociais no indivíduo (Rohner, 1986). Realça-se assim, o facto de as crianças que são rejeitadas tenderem a desenvolver sentimentos de insegurança, medo, solidão e maior predisposição para expressar ciúme (Wolberg, 1994 as cited in Rohner, 1986). Estudos realizados em Portugal demonstraram que a perceção de aceitação correlaciona-se positivamente com o ajustamento psicológico, isto é, quanto maior a perceção de aceitação maior será o ajustamento psicológico do indivíduo (Oliveira, 2010; Pires, 2010). Um estudo realizado na Estónia verificou-se que o ajustamento psicológico no sexo feminino relacionava-se com as perceções de aceitação quer por parte da mãe quer por parte do pai, contudo o ajustamento psicológico no sexo masculino relacionava-se apenas com a perceção de aceitação materna (Tulviste & Rohner, 2010). Num outro estudo observou-se uma correlação negativa entre as variáveis de rejeição: agressão, negligência e rejeição indiferenciada com o ajustamento psicológico (Najam & Ijaz, 2012). Numa investigação realizada sobre a relação entre a depressão e a perceção de aceitação-rejeição demonstrou que há uma correlação positiva e significativa entre a depressão e a perceção da rejeição, ou seja,

quanto maior a percepção de rejeição maiores os níveis de depressão nas crianças/ adolescentes (Najam & Majeed, 2012).

Em estudos realizados constatou-se que existe uma relação entre a percepção de comportamentos disruptivos por parte dos pais e o desajustamento psicológico da criança, como também se verificou que há uma associação entre a percepção de rejeição parental e a percepção de comportamentos disruptivos por parte dos pais (Oliveira, 2010; Rohner, 2008).

O indivíduo ao perceber rejeição parental apresenta maior vulnerabilidade ao conflito, o que dificultará a construção de relações com as figuras parentais. Importa ainda referir, que a baixa valorização pessoal e a percepção de fracas competências, podem ser resultado da rejeição parental, afetando a autoestima e a autossuficiência (Rohner, 1986).

Conclui-se assim que, é possível afirmar que o modelo dos sistemas socioculturais procura debruçar-se nas experiências de socialização vivenciadas pelas crianças, explicando ainda a correlação entre diferentes variáveis que interferem no desenvolvimento. Todos os comportamentos e crenças mencionados/as são considerados assim, resultado dos efeitos sociais e interpessoais da aceitação-rejeição interpessoal.

3. Comportamentos Disruptivos

O desenvolvimento de comportamentos disruptivos poderá ser analisado como uma consequência da rejeição parental como foi referenciado no ponto anterior e que de certa maneira afeta negativamente a pessoa para o resto da vida, pois como diferentes estudos reforçaram, o indivíduo que percebe rejeição pode desenvolver comportamentos disruptivos.

A definição de comportamentos disruptivos não é de todo consensual para os autores que estudam a temática. Alguns investigadores unem os comportamentos disruptivos, aos comportamentos antissociais e aos comportamentos delinquentes, por outro lado, outros defendem que cada um obedece a um significado diferente (Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini, & Hutz, 2005). Classifica-se como comportamento disruptivo, um comportamento externalizador, por exemplo através de comportamentos antissociais e delinquentes (Veiga, 2007).

Os comportamentos antissociais podem ser percebidos através de comportamentos de oposição, agressividade, desrespeito de normas sociais. Algumas das explicações para o desenvolvimento de comportamentos antissociais debruçam-se na estrutura e funcionalidade

da família, no desenvolvimento moral, de valores humanos e culturais, de hábitos de lazer e traços de personalidade (Formiga, Aguiar, & Omar, 2008). Estes comportamentos podem ser desencadeados por uma relação familiar disfuncional, tendo o jovem habitualmente crescido num ambiente familiar instável (Lahey & Waldman, 2003). Estes fatores podem levar ao desenvolvimento de temperamentos difíceis desencadeando os comportamentos antissociais (Formiga & Gouveia, 2003).

No que respeita aos comportamentos delinquentes, estes são vistos como comportamentos mais graves como a prática de furto/roubo (Formiga, 2005). O comportamento delinquente pode ser observado como um comportamento anti normativo ou num sentido mais restrito, em que o comportamento anti normativo é alvo de uma medida jurídico-penal, caso o indivíduo seja maior de idade (Gomes, 2013). O que têm em comum os comportamentos antissociais e delinquentes é a influência que exercem sobre os direitos e deveres dos indivíduos e o seu bem-estar (Formiga et al., 2008).

O desenvolvimento de um comportamento disruptivo poderá ter várias causas implícitas. A forma como as crianças são educadas/ cuidadas desde o início da sua vida influencia o seu desenvolvimento e o seu comportamento (Dadds, Jambak, Pasalich, Hawes, & Brennan, 2011; Wagner, Willoughby, Mills-Koonce, Zvara & Cox, 2015). As crianças que sejam alvo de punições, agressões, menor envolvimento parental encontram-se mais vulneráveis ao desenvolvimento de comportamentos disruptivos indo de encontro à teoria de aceitação-rejeição interpessoal (Rohner, 1986). Estudos realizados identificam várias variáveis associadas à expressão de comportamentos disruptivos, tais como: relacionamento desfavorável/pobre com as figuras parentais, conflitos na família, falta de supervisão e controlo das atividades dos/as filhos/as, características particulares dos pais, influência negativa dos/as irmãos/irmãs, tamanho da família, desvantagens socioeconómicas, características adversas da área de residência ou existência de modelos antissociais em casa (Rutter et al., 1998 as cited in Fonseca & Simões, 2004). A disfuncionalidade familiar poderá causar falhas nos processos de socialização e interiorização de normas, podendo contribuir para o desenvolvimento de condutas ilícitas como roubos, furtos, consumos, tráfico e até maus tratos/violência doméstica (Harmon, 2010). Muitos autores defendem que a maioria dos comportamentos disruptivos é aprendida no seio familiar, quando a família é destruída, as relações conjugais são conflituosas, o investimento na vida familiar é escasso, o vínculo das figuras parentais é fraco, as regras são deficientes ou inexistentes e onde as características parentais são desviantes (Oesterle et al., 2012; Spohn & Kurtz, 2011). Estudos realizados, demonstraram que há uma associação entre o carinho maternal e a empatia e o

desenvolvimento de comportamentos pró-sociais no adolescente (Kiang, Moreno, & Robinson, 2004; Newton, Laibel, Carlo, Steele e McGinley, 2013). Estudos referem que os adolescentes que experienciam sentimentos de rejeição parental estão mais vulneráveis à prática de comportamentos disruptivos (Tyler, Brownridge & Melander, 2011). Para além das relações parentais, o relacionamento com o grupo de pares é um importante suporte de influência. Estudos demonstram que se o indivíduo se relacionar com um grupo que pratique determinados comportamentos estará mais vulnerável à prática dos mesmos. Além do referido, a perceção de rejeição do grupo de pares pode levar à prática de comportamentos disruptivos (Burke, Loeber, & Birmaher, 2004). A personalidade do indivíduo como traços de baixo autocontrolo e a impulsividade é outro dos fatores que pode levar ao desenvolvimento destes comportamentos (Estévez, Jiménez, & Musitu, 2008). Além dos fatores mencionados realça-se a empatia, uma vez que este constructo está na base do comportamento pró-social e altruísta em que o indivíduo tem a capacidade de se colocar no lugar do outro (Morais, 2010; Tassinari & Durange, 2014). Deste modo, a ausência desta pode despoletar comportamentos disruptivos, por exemplo num estudo realizado por Carvalho (2011) demonstrou que adolescentes mais empáticos e com maior autocontrolo e autoestima apresentavam menores níveis de comportamentos disruptivos sendo a empatia considerada inibidora de comportamentos antissociais. Noutro estudo, em que correlacionou a empatia com os comportamentos disruptivos, os resultados demonstraram uma correlação negativa estatisticamente significativa entre os dois construtos (Wied, Goudena, & Matthys, 2005). Pavarino, Prette, & Prette (2005) corroboram esta ideia atestando a importância da empatia como um fator de relações saudáveis e de ajustamento psicossocial, a sua falta é vista como um dos fatores de risco para comportamentos antissociais e delinquentes. Para além dos fatores enumerados, podem considerar-se como fatores propícios ao desenvolvimento de comportamentos disruptivos, os comportamentos observáveis e imitáveis, tendo estes como objetivo uma recompensa, aumentando assim a probabilidade de o/a criança/adolescente imitar o comportamento (Bandura, 1976).

Os adolescentes procuram obter prestígio que, na falta de recursos económicos e apoio social, é conseguido através de comportamentos de risco, comportamentos esses que partem da relação existente entre a sociedade, os jovens e os conflitos (Formiga & Gouveia, 2005). O desenvolvimento destes comportamentos está de uma forma direta ligado à existência de fatores sociais e emocionais, que proporcionam o desenvolvimento de comportamentos disruptivos, tendo em conta o contexto em que o jovem está inserido (Carvalho, 2010; Formiga, 2005; Nardi, 2010).

Desta forma observa-se que são diversas as variáveis que influenciam e acabam por despoletar comportamentos disruptivos, como podemos constatar através da teoria ecológica que realça que a forma mais clara de compreender os comportamentos disruptivos é tendo em conta os vários contextos onde o indivíduo se insere, e as características que o compõem, nomeadamente a nível individual, interpessoal, comunidade e social (Cowie & Jennifer, 2007; Velez, 2010).

Denota-se assim a existência de várias causas possíveis para o desenvolvimento de comportamentos disruptivos acima descritas. Como foi possível constatar, são vários os fatores que podem influenciar as práticas ou não destes comportamentos, sendo um deles a empatia.

4. Empatia

A empatia é um constructo multidimensional uma vez que esta é constituída por uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, que exercem influência no comportamento do indivíduo (Eisenberg & Strayer, 1987; Davis, 1983; Hoffman, 1989). A empatia cognitiva permite ao indivíduo, compreender e prever os comportamentos/ sentimentos dos outros sem ele próprio os experienciar (Smith, 2006). Por outro lado, a empatia afetiva, relaciona-se com a capacidade de experienciar e partilhar as emoções dos outros (Ang & Goh, 2010). A empatia afetiva tem vindo a ser alvo de estudos no que diz respeito aos comportamentos disruptivos. Carreras et al. (2014) realizaram um estudo em que demonstrou que a empatia afetiva tem uma grande influência na diminuição de agressão física em resposta ao conflito social.

Na sua forma mais simples, entende-se por empatia a capacidade de compreender o outro e de quase poder sentir o que a outra pessoa sente, tomando a sua perspetiva e o seu ponto de referência (Pamol, 2014). Trata-se de um fenómeno de compreensão mútua e sucessiva, uma relação recíproca de análise, procurando-se manter esforço ativo de entendimento do outro (Gerdes, Lietz & Segal, 2011). Foi identificado um novo tipo de empatia que surgiu de estudos e trabalhos realizados em contextos multiculturais, sendo ela a empatia cultural (Ridley & Lingle, 1996, as cited in Özdikmenli-Demir & Demir, 2014). A empatia cultural é um processo multidimensional e interpessoal, e que pode ser aprendido/desenvolvido por qualquer pessoa, é a capacidade, como o nome indica, de compreender/respeitar uma pessoa

vinda de outra cultura e com diferentes valores culturais, comportamentos, visões do mundo, pensamentos, etc. (Ridley & Lingle, 1996, as cited in Özdikmenli-Demir & Demir, 2014).

A empatia consiste na capacidade de reconhecer as emoções dos outros e compartilhá-las afetivamente com eles. Na criminologia este conceito está ligado teoricamente com os comportamentos antissociais (Posick, Rocque, & Rafter, 2012), pois os/as criminólogos/as acreditam que a empatia ajuda a entender o porquê que as pessoas quebrarem as leis (Sherman, 2010).

Tendo por base as duas dimensões de empatia, Davis (1980 as cited in Santos, 2011) recebe um papel de destaque. Na dimensão emocional, este autor menciona duas componentes importantes: a *Angustia Empática* – que consiste em experimentar sentimentos de preocupação e de compaixão para com o outro, e a *Afiliação Pessoal* – sensação de ansiedade que surge quando o outro vivencia acontecimentos desagradáveis. No que respeita à dimensão cognitiva, Davis propôs a *Fantasia* – que consiste na identificação com personagens fictícias, e *Adoção de Perspetiva* – que se trata da compreensão dos pensamentos do outro (Brems, 2001 as cited in Palhoco, 2011).

O constructo de empatia pode desenvolver-se desde os primeiros anos de vida, isto é, algumas crianças são capazes de perceber as emoções dos outros, enquanto outras crianças ficam indiferentes às emoções dos outros, ou seja, não são capazes de as perceber. As primeiras manifestações de comportamentos empáticos ocorrem mesmo antes de a criança ter a consciência de uma existência independente do outro, com sentimentos próprios. Este desenvolvimento está relacionado com a forma como os pais expressam e transmitem sentimentos à criança e da forma como esta os apreende. Desta forma, a empatia permite perceber as necessidades e sentimentos do outro, tendo a capacidade de se colocar na pele do mesmo (Pérsico, 2011). A empatia pode desenvolver-se a partir de vários fatores, tais como: o reconhecimento dos pais no que diz respeito às emoções da criança; os gestos corporais e o tom de voz dos pais quando estes apreendem a criança (Pérsico, 2011). Hargie (2011) defende que a maneira como percebemos os outros é influenciada pelo nosso estado cognitivo e emocional. O tipo de comportamento que apresentamos é determinado por fatores sociais e circunstanciais. Desta forma, a interação social pode levar a modificações no conhecimento individual, crenças e atitudes, que poderão levar a uma redefinição social. Ao ver as coisas do ponto de vista dos outros, também se está a contribuir para quebrar os preconceitos e promover a tolerância e a aceitação das diferenças (Goleman, 1995).

O fenómeno de empatia tem suscitado cada vez mais interesse entre a comunidade científica. Vários estudos vão sendo desenvolvidos no sentido de perceber qual a sua

influência no comportamento humano, mais concretamente no que respeita as relações interpessoais e a inibição de comportamentos agressivos (Jolliffe & Farrington, 2011; Pavarino et al., 2005; Wied, Wied, & Boxtel, 2010). A empatia influencia o comportamento humano, uma vez que previne e reduz o comportamento disruptivo, e influencia a promoção do altruísmo (Jolliffe & Farrington, 2004). Destaca-se porém que a dificuldade de autorregulação e de autocontrolo a nível emocional, bem como a falta de compreensão de comportamentos está relacionada com a falta de empatia, despoletando o desenvolvimento de comportamentos disruptivos (Pavarino et al., 2005). A empatia tem sido associada ao comportamento pró social, que facilita as interações sociais no dia-a-dia, pois pesquisas realizadas demonstraram que há uma relação positiva entre a empatia e o comportamento pró social (Telle & Pfistr, 2015).

Numa investigação realizada em Portugal verificou-se uma correlação positiva entre a empatia e as competências sociais do indivíduo e, por outro lado, há uma correlação negativa entre a empatia e a agressividade, ou seja, quanto maiores os níveis de empatia menor os níveis de agressividade (Matias, 2012). Noutra investigação realizada por Posick et al. (2012) verificou-se que a empatia correlacionava-se de forma significativa e negativa com a delinquência, isto é, quanto maiores os níveis de empatia menores os níveis de delinquência. Estas investigações são corroboradas por um estudo realizado por Helm, Stams, Stel, Langen e Laan (2011) em que se verificou que elevados níveis de empatia se associam a menores níveis de comportamentos marginais e a maiores níveis de comportamentos pró-sociais. Noutro estudo, também foi possível concluir que o desenvolvimento da empatia promove o aumento dos comportamentos pró sociais e em contrapartida contribui para a inibição de comportamentos disruptivos. A ausência de empatia permite ao sujeito agir livremente sem pensar nas consequências que pode ter (Jolliffe & Farrington, 2011). Desta forma, os mesmos autores consideram importante o estudo da empatia devido aos seus efeitos no estreitamento das relações interpessoais e por sua vez na inibição de comportamentos disruptivos.

Estudos que comparam o sexo com os níveis de empatia demonstraram que as raparigas apresentam maiores níveis de empatia do que o rapazes (Tavakol, Dennick, & Tavakol, 2011; Wölfer, Cortina, & Baumert, 2012) contudo num estudo realizado por Özdikmenli-Demir e Demir (2014) os resultados obtidos mostraram que os rapazes apresentavam maiores níveis de empatia.

PARTE II – Método

De acordo com o enquadramento teórico apresentado anteriormente, o presente capítulo descreve os objetivos inerentes a este estudo, as variáveis e hipóteses de investigação. Posteriormente, são descritos os instrumentos administrados bem como os procedimentos e a constituição da amostra.

Segundo Rohner (1986), a rejeição parental influencia o desenvolvimento da personalidade e por sua vez os comportamentos do indivíduo, podendo estes fatores, despoletar comportamentos antissociais e delinquentes. Apesar da escassa existência de estudos que comprovem que existe relação entre a aceitação-rejeição e a empatia, é pertinente investigar o presente tema e a correlação entre as diferentes variáveis expostas, por forma a melhor se compreender e aprofundar o processo desenvolvimento humano, permitindo assim a definição de novas estratégias de atuação que facilitem um desenvolvimento mais ajustado e harmonioso.

1. Objetivos do estudo

O objetivo geral deste estudo é compreender a relação existente entre a perceção da aceitação-rejeição parental, os comportamentos disruptivos e a empatia nos/as adolescentes.

Procura-se ainda saber se existem diferenças relativamente ao sexo do/a adolescente e a perceção de aceitação-rejeição parental, ao comportamento disruptivo e à empatia.

2. Problemas e hipóteses de investigação

Baseados na literatura científica consultada, assim como nos objetivos propostos para esta investigação, colocamos os seguintes problemas de investigação:

Problema 1 – Será que existe uma relação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e os comportamentos disruptivos?

Hipótese 1 – Existe uma correlação significativa e positiva entre a perceção de rejeição parental e os comportamentos disruptivos.

Os adolescentes que percecionem a relação com as figuras parentais como rejeitante terão uma maior probabilidade de desenvolverem comportamentos antissociais e delinquentes, uma vez que, segundo a Teoria de aceitação-rejeição interpessoal, uma das possíveis

consequências da perceção de rejeição é o desenvolvimento de comportamentos disruptivos (Rohner et al., 2012).

Problema 2 – Será que existe uma relação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e a empatia?

Hipótese 2 – Existe uma correlação negativa entre a perceção de rejeição parental e a empatia.

O fortalecimento ou enfraquecimento dos comportamentos empáticos deve-se em parte ao estilo parental e ao modo como os pais se relacionam. O estilo parental permissivo e autoritário dos pais torna-se desfavorável ao desenvolvimento de habilidades sociais, especialmente de empatia (Garcia-Serpa, Del Prette, & Del Prette, 2006). O facto de os pais dirigirem mais a atenção dos/as filhos/as para os problemas das outras pessoas, também pode impulsionar este tipo de comportamentos. Como a teoria de Aceitação-Rejeição Interpessoal menciona a ausência de carinho, atenção, compreensão pode levar a pessoa a um desajustamento psicológico bem como a emergência de comportamentos disruptivos, sendo estes comportamentos, como a empatia, um comportamento pró-social (Rohner, 2004).

Problema 3 – Será que existe uma relação entre os comportamentos disruptivos dos/as adolescentes e os níveis de empatia que apresentam?

Hipótese 3 – Existe uma relação significativa e negativa entre os comportamentos disruptivos apresentados pelos/as adolescentes e os seus níveis de empatia.

Segundo Santos (2011), a empatia influencia o desenvolvimento do altruísmo, bem como auxilia na prevenção e redução do comportamento antissocial e agressivo. A capacidade que a pessoa tem em compreender os sentimentos do outro torna-se crucial para várias áreas da atividade humana, em contrapartida a sua falta poderá levar a vários tipos de perturbações ou comportamentos disruptivos (Santos, 2011).

Problema 4 – Será que existem diferenças entre os níveis de comportamentos disruptivos apresentados pelos/as adolescentes de acordo com o seu sexo?

Hipótese 4 – Prevê-se que os rapazes apresentem maiores níveis de comportamentos disruptivos do que as raparigas.

A maioria dos estudos referem que os rapazes, demonstram maiores níveis de comportamentos disruptivos, quando comparados com as raparigas (El-Shenawy & Shehata, 2014; Williams, Ayer, & Hawkins, 2007).

Problema 5: Será que existem diferenças significativas entre os níveis de empatia apresentados pelas raparigas e os níveis de empatia apresentados pelos rapazes?

Hipótese 5: Prevê-se que as raparigas apresentem maiores níveis de empatia do que os rapazes.

Estudos realizados (Garcia-Serpa et al., 2006; Rueckert, 2011) demonstraram que o sexo feminino apresentava maiores níveis de empatia, quando comparado com o sexo masculino.

3. Amostra

A metodologia da amostra incide numa amostragem aleatória, uma vez que todos/as jovens tiveram a mesma probabilidade de fazer parte deste estudo e visto que, não existiu uma seleção prévia da amostra.

A população alvo do presente estudo foram alunos que frequentam um Curso de Aprendizagem com equivalência ao 12º ano de escolaridade num Centro de Formação na região Norte do país. Deste modo, a amostra é composta por 181 jovens, (50.8% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 15 e 28 anos ($M=19.70$; $DP=2.67$). No que se refere ao ano de escolaridade dividem-se entre o 11º (50.3%) e o 12º (49.7%) anos.

Em relação ao curso que frequentam, como podemos observar na tabela 1, a maior parte dos/as jovens encontram-se a frequentar o curso de Cozinha (19.9%).

Tabela 1

Distribuição dos/as participantes pelos cursos

Curso	N	Percentagem
Empregado/a Andares	14	7.7
Téc. Comercial	19	10.5
Téc. Cozinha	36	19.9
Téc. Eletricidade	12	6.6
Téc. Estética	28	15.5
Téc. Mecatrónica	24	13.3
Téc. Mesa bar	30	16.6
Téc. Painéis Solares	5	2.8
Téc. Produção Agrária	13	7.2
Total	181	100.0

No que concerne ao estado civil a maioria dos/as jovens é solteiro/a (87.3%), sendo que o agregado atual deles/as é composto habitualmente, por si, pelos pais e irmão/ã ou irmãos/ãs

(39.2%) (Tabela 2). Durante a infância e a adolescência, viveram maioritariamente com o pai e com a mãe (81.8%). Relativamente ao estado civil dos progenitores, o mais habitual é o casado, pai (74.6%), mãe (73.5%).

Tabela 2

Agregado atual dos/as jovens

Agregado	N	%
Pais	39	21.5
Pais e irmãos/ãs	71	39.2
Mãe	11	6.1
Pai	3	1.7
Esposo/a	6	3.3
Esposo/a e Filho/a	7	3.9
Filhos/as	1	0.6
Amigos/as	1	0.6
Sozinho/a	2	1.1
Outros/as	40	22.1
Total	181	100.0

4. Apresentação dos instrumentos

A todos/as os/as alunos/as que participaram nesta investigação, foram aplicados os questionários que seguidamente se apresentam, sendo eles: Questionário Sociodemográfico, o Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD), a Escala de Reatividade Interpessoal e o Adult PARQ.

4.1. Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (anexo I) tem como objetivo recolher informações mais detalhadas acerca das características dos jovens e das suas famílias salvaguardando sempre a confidencialidade dos indivíduos. No que diz respeito aos jovens, foram exploradas questões como o sexo, a idade, a educação, a ocupação, o estado civil, com quem vive atualmente e com quem viveu na infância e adolescência. Relativamente à família é apenas abordada a questão do estado civil dos seus pais.

4.2. Questionário de Condutas Antissociais e Delitivas (CAD) Seisdedos (1988), Formiga (2003) – Versão Portuguesa para Investigação Duarte & Neves (2012)

O Questionário CAD (Formiga, & Gouveia, 2003), tem como finalidade avaliar os comportamentos antissociais e delinquentes (delitivos), isto é, compreender se os/as jovens apresentam comportamentos disruptivos ou não, apresentando uma medida comportamental referente às condutas antissociais e delinquentes (Formiga & Gouveia, 2003). O CAD é composto por 40 itens e dividido em duas dimensões de comportamento: condutas antissociais e condutas delinquentes. Em relação às condutas antissociais, referem-se a comportamentos que infligem as normas sociais e desafiam a ordem social dos elementos, não expressando delitos (por exemplo responder mal a um superior ou autoridade, em casa, no trabalho, na escola ou na rua). No que diz respeito às condutas delinquentes, estas já expressam delitos, ou seja, comportamentos delinquentes que infringem a lei, (por exemplo, transportar uma arma caso considere necessário numa luta). Para responder ao questionário os participantes devem indicar o grau em que apresentam o comportamento indicado no seu dia-a-dia, utilizando uma escala de resposta com 10 pontos, tendo os seguintes extremos: 0 – nunca e 9- sempre (Formiga & Gouveia, 2003). Em relação à fiabilidade do questionário, o valor de alpha a nível global foi .97, e os valores de alpha para a conduta antissocial foi de .94 e para a conduta delinvente de .96, revelando assim uma boa consistência interna.

4.3. Escala de Reatividade Interpessoal (Davis, 1983; Versão Portuguesa para investigação por Machado & Machado, 2013)

Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado em versão portuguesa para investigação por Machado & Machado (2013). O instrumento é composto por 28 afirmações que descrevem comportamentos, sentimentos e características relacionadas com a empatia, que são utilizadas para avaliar as seguintes dimensões da empatia:

- Angústia pessoal (AP) - avalia as sensações afetivas de desconforto, incomodo e desprazer dirigidas para o self, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo: Fico apreensivo/a e pouco a vontade em situações de emergência, etc.) (Davis, 1983);

- Consideração empática (CE) - esta dimensão está relacionada com os sentimentos dirigidos ao outro e a motivação para ajudar pessoas em necessidade, perigo ou desvantagem

(Ex: preocupo-me e sinto compaixão para com pessoas que têm vidas piores do que a minha, etc.) (Davis, 1983);

- Tomada de perspetiva (TP) - mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e depreendendo o que elas pensam e sentem (Ex: Por vezes tento compreender os/as meus/minhas amigos/amigas melhor, imaginando com eles/elas vêm as coisas, etc.) (Davis, 1983);

- Fantasia (FS) - a primeira designa a habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas, adotando as suas perspetivas e imaginando o que elas pensam ou sentem; a subescala de fantasia avalia a tendência de se transpor a si mesmo imaginativamente, colocando-se no lugar de personagens de filmes e/ ou livros (Ex: Depois de ver uma peça ou um filme sinto-me como se fosse uma das personagens, etc.) (Davis, 1983).

No presente estudo foi possível registar os seguintes índices de consistência interna através do, alpha de cronbach: consideração empática foi de .61, tomada de perspetiva de .54, fantasia .65, angústia pessoal .60, o que revela uma fraca consistência interna. Contudo, o valor do alpha global é de .77 o que demonstra uma consistência interna razoável.

4.4. Questionário de Aceitação-Rejeição Parental (ADULT PARQ, versão curta) (Rohner, 2004)

O Questionário de Aceitação/Rejeição Parental (PARQ, versão curta), constitui a versão portuguesa do *Adult PARQ* da autoria de Rohner (2004; Rohner, Khaleque, & Cournoyer, 2005).

Este instrumento faz-se acompanhar de um texto introdutório com as normas do autor das escalas. As respostas do indivíduo devem refletir a forma como eram tratados pelos pais numa altura específica do seu desenvolvimento.

O questionário tem duas versões semelhantes, uma direcionada para avaliar a perceção de aceitação-rejeição paterna e a outra para a aceitação-rejeição materna. Cada uma das partes é composta pelos mesmos 24 itens. O objetivo deste instrumento é analisar qual a perceção que o indivíduo tem da sua relação com o pai e a mãe durante a infância.

Cada inventário é dividido em quatro subescalas que correspondem a quatro dimensões do comportamento parental, são elas: 1 - Carinho, variável que pode ser manifestada de forma verbal (gestos ou palavras afetuosas) ou física; 2 – Hostilidade/agressividade, definida pela perceção de sentimentos negativos e intensões de magoar fisicamente o/a filho/a. 3 -

Indiferença/negligência que implica a ausência de preocupação e interesse para com o filho/a.

4 - Rejeição indiferenciada, relacionada com a transmissão de indícios que levam a criança a acreditar que não é desejada nem amada pelas suas figuras parentais (Rohner, 1986)

A versão curta que é utilizada na presente investigação é composta por 24 itens organizados e as opções de resposta são distribuídas numa escala de *Lickert* composta por 4 intervalos, sendo: 1 - Quase sempre é verdade, 2-Algumas vezes é verdade, 3 - Raramente é verdade e 4 - Quase nunca é verdade. Elevados valores de cotação são indicadores de índices de rejeição podendo os resultados variar entre 24 (mínimo) e 96 (máximo).

No que concerne à fiabilidade do questionário os valores de alpha para a variável carinho mãe foi de .90 e carinho pai de .93, a variável hostilidade mãe de .87 e hostilidade pai de .89, a variável indiferença mãe de .80 e indiferença pai de .85, e a variável rejeição indiferenciada mãe de .87 e rejeição indiferenciada pai de .90, a variável rejeição mãe de .86 e a rejeição pai de .85, revelando assim uma boa consistência interna.

5. Procedimentos

Num primeiro momento fez-se um breve esclarecimento à direção do Centro de Formação sobre o estudo em causa e os seus respetivos objetivos. Após esse esclarecimento foi solicitado à direção do centro de formação a autorização para a aplicação dos questionários. Após essa fase, foi posteriormente explicando os objetivos do estudo a todos/as os/as formandos/as.

Num segundo momento fez-se a distribuição dos consentimentos informados aos encarregados de educação. Após a recolha dos consentimentos informados aplicou-se os questionários.

Todos os sujeitos foram informados de que a sua participação na investigação seria completamente voluntária e confidencial, podendo estes abandonar o estudo a qualquer momento e sem qualquer tipo de penalização.

Os instrumentos foram administrados individualmente em espaços físicos que garantiam boas condições de luminosidade, ruído e temperatura e a sua duração foi de 20 minutos aproximadamente.

Após a recolha dos dados, estes foram inseridos, tratados e analisados pelo programa estatístico SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (versão 20.).

Parte III - Resultados

Primeiramente será caracterizada a amostra em relação às variáveis em estudo nesta investigação e de seguida serão apresentadas as relações existentes entre a perceção aceitação-rejeição parental, o comportamento disruptivo e a empatia em jovens portugueses e as comparações entre os sexos dos mesmos, bem como a comparação entre a perceção de aceitação-rejeição por parte da mãe e a perceção de aceitação-rejeição por parte do pai. Por fim, far-se-á a interpretação dos resultados apresentados.

Visto que, a população em estudo seguia uma distribuição normal, para obtenção de resultados foram utilizados testes paramétricos, nomeadamente o teste de correlação de *Pearson* para análise das correlações e o *T-teste* para amostras independentes comparando e diferenciando os dois grupos existentes.

De forma a responder aos objetivos delineados apresentamos os resultados da análise descritiva das variáveis em estudo (Tabela 3).

Tabela 3

Análise descritiva das variáveis em estudo

Variável	Min.	Máx.	<i>M</i>	<i>DP</i>
Tomada de Perspetiva	4.00	28.00	16.26	4.37
Fantasia	0.00	28.00	12.63	5.41
Consideração Empática	5.00	28.00	19.39	4.78
Angústia Pessoal	0.00	26.00	13.23	4.84
Carinho Pai	8.00	32.00	24.28	6.92
Hostilidade Pai	6.00	24.00	11.01	5.11
Indiferença Pai	6.00	24.00	12.02	4.95
Rejeição Indiferenciada Pai	4.00	16.00	7.13	3.65
Rejeição Total Pai	24.00	96.00	45.88	16.90
Carinho Mãe	8.00	32.00	26.37	5.72
Hostilidade Mãe	6.00	24.00	10.71	4.71
Indiferença Mãe	6.00	21.00	10.93	4.28
Rejeição Indiferenciada Mãe	4.00	16.00	6.70	3.35
Rejeição Total Mãe	24.00	75.00	41.97	14.33
Comportamento Antissocial	0.00	180.00	28.80	31.95
Comportamento Delinvente	0.00	180.00	11.85	27.61
Comportamentos Disruptivos	0.00	360.00	40.64	57.17

Em relação à empatia pode observar-se que a variável tomada de perspetiva apresenta uma média de 16.26, a variável fantasia de 12.63, a variável consideração empática de 19.39 e a

variável angústia pessoal de 13.23. Pode constatar-se assim, que a consideração empática apresenta uma média mais elevada em relação às restantes variáveis.

A nível da perceção da aceitação-rejeição parental pode-se constatar que a média da rejeição total por parte do pai é de 45.88 e a média por parte da mãe é de 41.97, o que evidencia que os jovens percecionam como predominantemente aceites quer pelo pai quer pela mãe, visto que o ponto médio da escala global de aceitação-rejeição é de 60 e que valores mais elevados indicam maior rejeição percecionada.

Ao observar a tabela 3 verifica-se que a amostra recolhida apresenta baixos níveis de comportamentos disruptivos, a média obtida é de 40.64. No que diz respeito aos comportamentos antissociais obtivemos uma média de 28.80. Para os comportamentos delinquentes os resultados apontam para uma média de 11.85, o que revela uma maior incidência de comportamentos antissociais. Contudo, alguns/algumas adolescentes apresentam altos níveis de comportamentos disruptivos, tendo em conta o valor máximo apresentado na tabela 3.

Para responder ao nosso primeiro problema, realizou-se uma análise correlacional entre as variáveis da perceção de aceitação-rejeição parental e os comportamentos disruptivos. Como é possível observar, na tabela 4 existe uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre o nível de rejeição total, quer pela parte da mãe quer pela parte do pai, e os comportamentos disruptivos. Isto significa que, quanto maior a perceção de rejeição maior os níveis de comportamentos disruptivos. Em relação, especificamente, à variável do carinho, verifica-se que existe uma correlação negativa e estatisticamente significativa com os comportamentos disruptivos, o que significa que quanto maior é a perceção de carinho por parte dos participantes, menor é a presença de comportamentos disruptivos. No que diz respeito à variável hostilidade mãe verifica-se que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa com os comportamentos delinquentes, quanto maior a perceção de hostilidade da mãe maiores os níveis de comportamentos delinquentes; a variável indiferença mãe correlaciona-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os comportamentos delinquentes e disruptivos, quanto maior a perceção de indiferença por parte da mãe maiores são os níveis de comportamentos delinquentes e disruptivos; a variável rejeição indiferenciada mãe apresenta uma correlação positiva estatisticamente significativa com os comportamentos delinquentes e disruptivos, quanto maior a perceção de rejeição indiferenciada por parte da mãe maiores os níveis de comportamentos delinquentes e disruptivos.

Para verificar a nossa segunda hipótese, se existe uma correlação negativa entre a perceção de rejeição parental e a empatia, denota-se que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a perceção de rejeição parental e a variável fantasia, apenas pela perceção por parte do pai. Isto significa que quanto maior a perceção de rejeição por parte do pai maior o nível de fantasia, ou seja, maior é a tendência do/a jovem transpor-se a si mesmo de forma imaginária no lugar de personagens de filmes e/ou livros. Verifica-se também que existe uma correlação negativa estatisticamente significativa entre a perceção de carinho por parte do pai e a fantasia, ou seja, quanto maior a perceção de carinho por parte do pai menores os níveis de fantasia.

No sentido de descobrir uma resposta ao nosso terceiro problema, correlacionou-se os comportamentos disruptivos e a consideração empática. De acordo com os resultados obtidos, e expostos na tabela 4 verifica-se que há uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre a consideração empática, que é à capacidade do indivíduo em simpatizar com o outro e de se motivar para ajudá-lo e os comportamentos disruptivos, comportamentos antissociais e comportamentos delinquentes. Isto é, quanto maior os níveis de consideração empática menores são os níveis de comportamentos disruptivos, comportamentos antissociais e comportamentos disruptivos.

Tabela 4

Correlação entre a percepção de aceitação-rejeição parental, os comportamentos disruptivos e a empatia

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.	15.	16.	17.
1.Tomada Perspetiva	---																
2.Fantasia	.25**	---															
3.Consideração Empática	.42**	.27**	---														
4.Angústia Pessoal	.14	.48**	.19**	---													
5.Carinho Pai	-.02	-.23**	-.02	-.03	---												
6.Hostilidade Pai	-.04	.02	-.06	.02	-.25**	---											
7.Indiferença Pai	-.05	.13	-.02	.03	-.49**	.79**	---										
8.Rejeição Indiferenciada Pai	-.01	.07	-.02	.04	-.35**	.89**	.83**	---									
9.Rejeição Total Pai	-.01	.15*	-.02	.04	-.71**	.84**	.92**	.87**	---								
10.Carinho Mãe	.09	-.12	.04	-.08	---	---	---	---	---	---							
11.Hostilidade Mãe	-.09	-.07	-.09	.04	---	---	---	---	---	-.16*	---						
12.Indiferença Mãe	-.07	.01	-.10	.11	---	---	---	---	---	-.38**	.79**	---					
13.Rejeição Indiferenciada Mãe	-.05	-.05	-.07	.03	---	---	---	---	---	-.26**	.87**	.85**	---				
14.Rejeição Total Mãe	-.09	.02	-.09	.09	---	---	---	---	---	-.63**	.83**	.91**	.88**	---			
15. Comportamento Antissocial	-.09	.07	-.19*	.02	-.24**	.01	.07	.04	.13	-.22**	.07	.11	.12	.17*	---		
16. Comportamento Delinquente	-.04	.09	-.15*	.04	-.26**	.09	.12	.09	.19**	-.24**	.17*	.20**	.19**	.26**	.84**	---	
17. Comportamentos Disruptivos	-.07	.09	-.17*	.03	-.27**	.05	.10	.07	.17*	-.24**	.12	.16*	.16*	.22**	.97**	.95**	---

** p≤.01

*p≤.05

Tabela 5

Diferenças entre o sexo do jovem, empatia e comportamentos disruptivos

	N	M	DP	t
Comportamentos				
Disruptivos				
Masculino	92	36.16	54.10	-1.07
Feminino	89	45.27	60.13	
Comportamento				
Antissocial				
Masculino	92	26.61	31.77	-0.94
Feminino	89	31.06	32.17	
Comportamento				
Delinquente				
Masculino	92	9.56	24.91	-1.14
Feminino	89	14.21	30.11	
Consideração Empática				
Masculino	92	18.26	4.64	-3.34*
Feminino	89	20.57	4.67	
Tomada Perspetiva				
Masculino	92	15.83	4.59	-1.36
Feminino	89	16.71	4.12	
Fantasia				
Masculino	92	12.38	5.73	-0.63
Feminino	89	12.89	5.09	
Angústia Pessoal				
Masculino	92	12.78	5.07	-1.31
Feminino	89	13.71	4.56	

** $p \leq .01$ * $p \leq .05$

Para averiguar a validade da quarta hipótese comparamos os comportamentos disruptivos e o sexo dos jovens. Observando a tabela 5 é possível constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos jovens e os comportamentos disruptivos por eles apresentados.

Em relação à nossa quinta hipótese “Será que existem diferenças significativas entre os níveis de empatia apresentados pelas raparigas e os níveis de empatia apresentados pelos rapazes?”, podemos verificar na tabela 5 que há diferenças estatisticamente significativas entre o sexo e a variável consideração empática, em que as raparigas ($M=20.57$) apresentam maiores níveis de consideração empática do que os rapazes ($M=18.26$), aceitando assim a nossa H5.

1. Discussão dos resultados

Nesta fase apresentam-se, enquadram-se e contextualizam-se os resultados mais significativos tendo como base os problemas e as hipóteses enunciados em articulação com as evidências teóricas.

O objetivo central da presente investigação visou compreender a aceitação-rejeição parental e a sua relação com a realização de comportamentos disruptivos e com a empatia em jovens portugueses.

Desta forma, em resposta ao Problema 1 «Será que existe relação entre a perceção de aceitação-rejeição parental e os comportamentos disruptivos?», constatou-se através dos testes de correlação de *Pearson*, que existe uma relação positiva e estatisticamente significativa entre a perceção de rejeição parental e os comportamentos disruptivos aceitando-se assim a nossa H1. Assume-se assim, que quanto maior for a rejeição parental maior será a predisposição ao desenvolvimento de comportamentos disruptivos por parte dos/as jovens. Os resultados conseguidos vão assim de encontro à literatura existente. Segundo Rohner (1975), quando a criança experiencia rejeição parental esta pode adotar atitudes/comportamentos agressivos, tal como Rohner e colaboradores (2012) reforçaram que os problemas de comportamentos externalizadores são, em grande parte, despoletados pela perceção de rejeição. Num estudo realizado por Almeida (2012), em Portugal, mostrou que existe uma relação negativa significativa entre os comportamentos disruptivos e a perceção de aceitação-rejeição parental, deste modo, quanto menor for a perceção de aceitação parental maior a predisposição para comportamentos disruptivos.

Em resposta ao Problema 2 «Será que existe relação entre a perceção de rejeição parental e a empatia?», verificou-se que existe uma correlação positiva estatisticamente significativa entre a perceção de rejeição por parte do pai e a variável fantasia. Segundo a Teoria de Aceitação-Rejeição Interpessoal (Rohner, 2004), a perceção de rejeição parental poderá trazer para o indivíduo consequências que levem a um desajustamento psicológico e cognitivo, tal como a fantasia, uma vez que, esta é a tendência do/a jovem transpor-se a si mesmo de forma imaginária no lugar de personagens de filmes e/ou livros (Davis, 1983).

No que diz respeito ao Problema 3 «Será que existe relação entre os comportamentos disruptivos dos/as adolescentes e a consideração empática?», os resultados demonstraram que existe uma correlação negativa entre os comportamentos disruptivos e a consideração empática, isto é, quanto maiores os níveis de consideração empática, menor a presença de comportamentos disruptivos, aceitando-se assim a H3. Uma vez que, segundo investigações de Garaigordobil e Maganto (2011), o comportamento pró social é, em grande parte, influenciado pela empatia, pois esta consiste em o indivíduo compreender-se a si mesmo mas também compreender o outro e colocar-se no lugar do outro (Szalavitz & Perry, 2010) os nossos resultados vão de encontro à literatura.

Em relação ao Problema 4 «Será que existem diferenças entre os níveis de comportamentos disruptivos apresentados pelos adolescentes de acordo com o seu sexo?», foi possível constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos jovens e os comportamentos disruptivos, não se aceitando assim, a nossa H4. Apesar de a maioria de estudos realizados demonstrarem que os rapazes têm maior predisposição e maior risco para desenvolver comportamentos disruptivos (Chun & Mobley, 2010; El-Shenawy & Shehata, 2014), outros estudos também revelam que tanto rapazes como raparigas têm o mesmo risco de desenvolverem comportamentos disruptivos, antissociais e delinquentes (Johansson & Kempf-Leonard, 2009; Dennis, 2012). Deste modo os nossos resultados vão de encontro a outros estudos já realizados.

No que diz respeito ao Problema 5 “Será que existem diferenças significativas entre os níveis de empatia apresentados pelas raparigas e os níveis de empatia apresentados pelos rapazes?”, foi possível observar que existe diferenças estatisticamente significativas entre o sexo e os níveis da consideração empática, onde as raparigas apresentaram maiores níveis de consideração empática em relação aos rapazes. Diversas investigações têm também reforçado que as raparigas apresentam maiores níveis de empatia do que os rapazes (Tavakol et al., 2011; Wölfer, et al. 2012). Num estudo realizado em Portugal sobre a empatia, o mesmo

demonstrou que as raparigas apresentavam maiores níveis de empatia que os rapazes (Gaspar, 2014), o que corrobora os nossos resultados obtidos.

Parte IV – Conclusão

A presente investigação pretendeu investigar o tema da aceitação-rejeição parental e a sua relação com a realização de comportamentos disruptivos e com a empatia em jovens portugueses.

Através dos resultados obtidos desta investigação foi possível concluir-se que a perceção de rejeição está relacionada com os comportamentos disruptivos, ou seja, o carinho parental é importante para um desenvolvimento positivo do/a jovem, quer a nível cognitivo e sobretudo comportamental. A família revela-se assim como um dos suportes principais ao desenvolvimento do individuo, interferindo em diversas variáveis que por sua vez condicionam os comportamentos. O nosso estudo demonstrou ainda que a perceção de rejeição por parte do pai relaciona-se positivamente com a fantasia, ou seja, o adolescente ao perceber rejeição maior tendência tem a fantasiar, isto é, colocar-se no lugar de personagens fictícias, por exemplo heróis de banda desenhada, o que poderá levar o individuo a imaginar uma vida que não é real mas sim imaginária. Isto leva a um desajustamento psicológico do/a jovem, sendo uma das consequências da perceção de rejeição parental

Além do exposto, a presente investigação revela que há uma relação entre os comportamentos disruptivos e a consideração empática, sendo que, como se sabe, a empatia tem efeitos no estreitamento das relações interpessoais e na promoção da inibição de comportamentos agressivos (Jolliffe & Farrington, 2011). Neste sentido, realçamos a importância da perceção de aceitação parental por parte dos/as jovens e do desenvolvimento/promoção da empatia deles/as, de forma a impedir e a extinguir os comportamentos disruptivos.

Esta investigação apesar do seu carácter inovador apresenta algumas limitações, nomeadamente: ser só representada por jovens do norte do país, em relação ao tamanho do questionário aplicado uma vez que este era extenso e os valores de alfas relativamente ao questionário da empatia serem fracos.

Com a finalização desta investigação pretende realçar-se a importância da continuidade de investigações no que diz respeito à temática abordada. Para futuras investigações sugere-se a realização de estudos que abordem as mesmas variáveis mas em outros meios sociais, em outras regiões do país e em outras faixas etárias. Sugere-se ainda, que se desenvolvam

investigações neste âmbito, uma vez que, a empatia está pouco investigada em Portugal a nível do contexto educativo, e que esta apresenta benefícios na inibição ou redução da agressividade, na promoção de comportamentos pró-sociais e até altruístas. Além do exposto, acrescenta-se por fim, a pertinência de se traçarem novos programas de intervenção que fomentem a empatia, evitando-se assim muitos dos problemas abordados anteriormente.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). *(des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Ali, S. (2011). Perceived teacher and parental acceptance-rejection, and the academic achievement, adjustment, and behavior of children: Literature review. *International Journal of Peace and Development Studies*, 2(5), 138-147. Retrieved from http://academicjournals.org/article/article1381912162_Ali.pdf
- Almeida, C. M. F. (2012). *O papel da perceção de rejeição parental no desenvolvimento da sensibilização à rejeição e de condutas antissociais e delinquentes*. (dissertação de mestrado). Instituto Universitário da Maia, Maia.
- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos Familiares de Crianças das Camadas Populares. *Psicologia em Estudo*, 8, 11-20. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa03.pdf>
- Anastácio, S. (2013). *Estudo da relação entre a empatia e a vinculação aos pais e aos pares na adolescência*. (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. Retrieved from https://eg.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/23982/1/Tese%20final_susana.pdf
- Ang, R., & Goh, D. (2010). Cyberbullying Among Adolescents: The role of affective and cognitive empathy, and gender. *Child Psychiatry & Human Development*, 41, 387-397.
- Bandura, A. (1976). *Modificación de conductas: análisis de la agresión y la delincuencia*. México: Trillas.
- Barros, B. M. V. (2012). *A importância da perceção de aceitação parental e do ajustamento psicológico no desenvolvimento social em jovens adolescentes*. (dissertação de mestrado). Instituto Universitário da Maia, Maia.

- Bartholomeu, D., Carvalho, L. F., Silva, M. C. R., Miguel, F. K., & Machado, A. A. (2011). Aceitação e rejeição entre pares e habilidades sociais em universitários. *Estudos de Psicologia*, 16(2), 155-162. Retrieved from: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2a06.pdf>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. Retrieved from <http://www.unc.edu/~rmistry/Articles/Bron.pdf>.
- Bronfenbrenner, (2001). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto-Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Burke, J. D., Loeber, R., & Birmaher, B. (2004). Oppositional defiant disorder and conduct disorder: a review of the past 10 years, part II. *FOCUS*, 2(4), 558-576. Retrieved from <http://focus.psychiatryonline.org/data/Journals/FOCUS/2610/558.pdf>
- Carreras, M. R., Braza, P., Munoz, J. M., Braza, F., Azurmendi, A., Pascual-Sagastizabal, E., Cardas, J., & Sanchez-mart, J. R. (2014). Aggression and prosocial behaviors in social conflicts mediating the influence of cold social intelligence and affective empathy on children's social preference. *Scandinavian Journal of Psychology*, 55, 371-379. doi: 10.1111/sjop.12126
- Carvalho, R. (2010). Avaliação da Empatia de alunos de psicologia ao longo do curso. *Revista eletrônica de Psicologia*, 2(3). Retrieved from http://www.iesb.br/repiesb/resumos/2010_01/rep_iesb_coutinho_jul_2010.htm

- Carvalho, A. F. N. (2011). *Análise dos fatores que levam os jovens a delinquir*. (dissertação de mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto. Retrieved from <http://www.psicologianaactualidade.com/upload/Tese%20reformulada%20Final.pdf>
- Chun, H., & Mobley, M. (2010). Gender and grade-level comparisons in the structure of problem behaviors among adolescents. *Journal of Adolescence*, 33(1), 197-207. doi: 10.1016/j.adolescence.2009.03.010
- Coelho, M. L. S. F. (2012). *Aceitação-Rejeição de professor: auto-eficácia, motivação, desempenho académico*. (dissertação de mestrado). Instituto Universitário da Maia, Maia.
- Cowie, H., & Jennifer, D. (2007). *Managing violence in schools: a whole-school approach to best practice*. London: Paul Chapman Publish.
- Dadds, M. R., Jambak, J., Pasalich, D., Hawes, D. J., & Brennan, J. (2011). Impaired attention to the eyes of attachment figures and the developmental origins of psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52, 238 –245. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02323.x>
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, 44, 113-136. doi: 10.1037/0022-3514.44.1.113
- Dennis, J. P. (2012). Girls will be girls: Childhood gender polarization and delinquency. *Feminist Criminology*, 7, 220-233. doi:10.1177/1557085111435537
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1987). Critical issues in the study of empathy. In N. Eisenberg, & J. Strayer, *Empathy and its development* (pp.3-13). New York: Cambridge University Press.
- El-Shenawy, O. E. & Shehata, A. M. (2014). Applying problem behavior theory in a developing arabic country: Egypt. *SAGE Open*, 4, 1-12. doi: 10.1177/2158244014521819

- Estévez, E., Jiménez, T. I., & Musitu, G. (2008). Violence and victimization at school in Adolescence. In D. H. Molina (Ed.). *School Psychology* (pp. 79-115). Retrieved from http://www.uv.es/lisis/estevez/E_L3.pdf
- Fonseca, A. C. & Simões, M.C. (2004). Comportamento antissocial: técnicas e instrumentos de avaliação. In A.C. Fonseca (Ed.). *Comportamento antissocial e crime*, (pp.39-72). Coimbra: Almedina.
- Formiga, N. S. (2005). Condutas anti-sociais e delitivas e relações familiares em duas áreas urbanas na cidade de Palmas-TO. *Aletheia*, 22, 63-70. Retrieved from <http://www.redalyc.org/pdf/1150/115013470006.pdf>
- Formiga, N. S. & Gouveia, V. (2003). Adaptação e Validação da Escala de Condutas Antissociais e Delitivas ao contexto Brasileiro. *Psico*, 34(2), 367-388.
- Formiga, N. S., Aguiar, M. & Omar, A. (2008). Busca de sensação e Condutas Antissociais e Delitivas em Jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 668-681. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n4/v28n4a02.pdf>
- Garaigordobil, M., & Maganto, C. (2011). Empatía y resolución de conflictos durante la infancia y la adolescencia. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 43, 255-266. Retrieved from <http://www.scielo.org.co/pdf/rlps/v43n2/v43n2a05.pdf>
- Garcia-Serpa, F., Del Prette, Z. & Del Prette, A. (2006). Meninos Pré-Ecolares Empáticos e Não Empáticos e Procedimentos Educativos dos Pais. *Revista Interamericana de Psicología*, 40(1), 77-88. Retrieved from <http://www.psicorip.org/Resumos/PerP/RIP/RIP036a0/RIP04008.pdf>
- Gaspar, I. (2014). *Autocompaixão e regulação emocional na adolescência*. (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27688/1/TESE%20-%20In%C3%AAs%20Gaspar.pdf>

- Gerdes, K. E., Lietz, C. A., & Segal, E. A. (2011). Measuring Empathy in the 21st Century: Development of an Empathy Index Rooted in Social Cognitive Neuroscience and Social Justice. *Social Work Research*, 35(2), 83-93. doi: 10.1093/swr/35.2.83
- Goleman, D. (1995). *Inteligência Emocional* (M. D. Correia, Trad.). Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica.
- Gomes, C. (2011). Práticas parentais positivas como estratégia para o aprendizado de comportamentos pró-sociais. *Revista Latinoamericana de Desarrollo Humano*, 70, 10-14. Retrieved from <http://www.revistahumanum.org/revista/wp-content/uploads/2012/03/qYU4sRoArzbrasil-cassia.pdf>
- Gomes, H. M. S. (2013). *A desviância juvenil em família: o autocontrolo como mediador da relação entre o funcionamento familiar e o comportamento desviante dos adolescentes*. (dissertação de mestrado). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa. Retrieved from <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2518/1/17814.pdf>
- González, M. M., Haydar, C. R., Utria, L. U., & Amar, J. A. (2013). Legitimación de la violencia en la infancia : un abordaje desde el enfoque ecológico de Bronfenbrenner. *Psicología desde el Cribe*, 31(1), 133-160. Retrieved from <http://redalyc.org/www.redalyc.org/articulo.oa?id=21330429007>
- Hargie, O. (2011). *Skilled interpersonal communication: Research, theory and practice*. London and New York: Routledge.
- Harmon, K. (2010). How importante is physical contact with you infant?. *Scientific American*.
- Helm, G. H. P., Stams, G. J. J. M., Stel, J. C., Langen, M. A. M., & Laan, P. H. (2011). Group climate and empathy in a sample of incarcerated boys. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 56(8), 1149-1160. doi:10.1177/0306624X11421649

- Hoffman, M. L. (1989). Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In N. Eisenberg, J., Roykowsky, & E. Staub, E. (eds). *Social and moral values: Individual and societal perspectives* (pp. 139-152). Hillsdale: N. J. Erlbaum.
- Johansson, P., & Kempf-Leonard, K. (2009). A gender-specific pathway to serious, violent, and chronic offending? Exploring Howell's risk factors for serious delinquency. *Crime & Delinquency*, 55(2), 216-240. doi: 10.1177/0011128708330652
- Jolliffe, D. & Farrington, D. P. (2011). Is low empathy related to bullying after controlling for individual and social background variables?. *Journal of adolescence*, 34(1), 59-71. doi: 10.1016/j.adolescence.2010.02.001.
- Kiang, L., Moreno, A. J., & Robinson, J. L. (2004). Maternal preconceptions about parenting predict child temperament, maternal sensitivity, and children's empathy. *Developmental Psychology*, 40, 1081-1092. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.40.6.1081>
- Lahey, B. B. & Waldman, I. D. (2003). A developmental propensity model of the origins of conduct problems during childhood and adolescence. In B. B. Lahey, T. E. Moffitt, & A. Caspi (Eds.), *Causes of conduct disorder and serious delinquency*. (pp. 76-117). New York: Guilford Press.
- Linares, M. C. G., Russilo, M. T. C., Cruz, M. J. T., Fernández, M. V. C., & Arias, P. F. C. (2011). Prácticas educativas paternas y problemas internalizantes y externalizantes en adolescentes españoles. *Psichotem*, 23(4), 654-659
- Matias, M. (2012). *A Avaliação da Empatia na Adolescência: estudos de validação da versão portuguesa da "Basic Empathy Scale"*. (dissertação de mestrado). Coimbra.
- Monteiro, N. R. O., Nascimento, J. O. G., Montesano, F. T. & Farias, M. A. (2013). Competência, problemas internalizantes e problemas externalizantes em quatro grupos de adolescentes. *Psico-USF*, 18(3), 427-439. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v18n3/a09v18n3.pdf>

- Morais, (2010). *Quando as relações familiares falham, a delinquência busca filiação*. (dissertação de mestrado). Faculdade do Vale do IPOJUCA-FAVIP, Caruaru.
- Najam, N. & Ijaz, B. (2012). Parental Acceptance-Rejection and Social Adjustment of Children with Congenital Amputation: An Exploratory Study. *Journal of Behavioural Sciences*, 22(1), 49-63.
- Najam, N. & Majeed, R. (2012). Relationship between Depression and Attachment in Pakistani Children and Adolescents. *Journal of Behavioural Sciences*, 22(1), 115-124.
- Nardi, F. L. (2010). *Adolescentes em conflito com a lei: Percepção sobre a família, ao inflacional e medida socioeducativa*. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre. Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23013/000740973.pdf>
- Newton, E. K., Laible, D., Carlo, G., Steele, J. S., & McGinley, M. (2014). Do sensitive parents foster kind children, or vice versa? Bidirectional influences between children's prosocial behavior and parental sensitivity. *Developmental Psychology*, 50, 1808 – 1816. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0036495>
- Oesterle, S., Hawkins, J. D., Steketee, M., Jonkman, H., Brown, E. C., Moll, M. & Haggerty, K. P. (2012). A Cross-National Comparison of Risk and Protective Factors for Adolescent Drug Use and Delinquency in the United States and the Netherlands. *Journal of Drug Issues*, 42(4) 337-357. doi: 10.1177/0022042612461769
- Oliveira, P. A. (2010). *Ajustamento pessoal e académico dos/as pré-adolescentes: impacto da aceitação versus rejeição parental e do suporte social percebidos*. (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra. Retrieved from https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15561/1/Dissertacao_anexos.pdf
- Özdikmenli-Demir, G. & Demir, S. (2014). Testing the Psychometric Properties of the Scale of Ethnocultural Empathy in Turkey. *Assessment, Development, and Validation*, 47(1), 27-42. doi: 10.1177/0748175613513805

- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do Comportamento Anti-social na Transição da Infância para a Adolescência: Uma Perspectiva Desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 55-61. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24817.pdf>
- Palhoco, A. R. M. S., (2011). *Estudo da Empatia e da Perceção de Emoções em Psicoterapeutas e Estudantes de Psicologia*. (dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa. Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4997/1/ulfpie039670_tm.pdf
- Pamol, M. I. R., (2014). *A Empatia e a Ansiedade no Julgamento das Expressões Faciais de Dor*. (dissertação de mestrado). Universidade de Évora, Escola de Ciências Sociais, Évora.
- Pavarino, M.; Prette, A.; Prette, Z. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância: *Psico*, 36(2), 127-134. Retrieved from <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1382/1082>
- Pérsico, L. (2011). *Guia da Inteligência Emocional*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Pires, A. M. S. (2010). *Aceitação - rejeição parental percebida e ajustamento psicológico e académico da criança* (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. Retrieved from <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15595/1/Aceita%C3%A7%C3%A3o-Rejei%C3%A7%C3%A3o%20Parental%20Percepcionada.pdf>
- Polonia, A, C. & Dessen, M. A. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>

- Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.
- Posick, C., Rocque, M, & Rafter, N. (2012). More Than a Feeling: Integrating Empathy Into the Study of Lawmaking, Lawbreaking, and Reactions to Lawbreaking. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 58(1), 5-26. doi: 10.1177/0306624X12465411
- Rohner, R. P. (1975,). *They love me, They love me not : A Worldwide Study of the Effects of Parental Acceptance and Rejection*. Connecticut: Rohner Research.
- Rohner, R. P. (1986). *The Warmth Dimension: Foundations of Parental Acceptance-Rejection Theory*. Connecticut: Rohner Research.
- Rohner, R. P. (2004). The parental "acceptance-rejection syndrome": Universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59(8), 830-840. doi:10.1037/0003-066X.59.8.830
- Rohner, R. P. (2005). Teacher's Acceptance-Rejection/Control Questionnaire: Child Version (short form) (Child TARQ/Control). In R. P. Rohner & A. Khaleque (Eds.), *Handbook for the study of parental acceptance and rejection* (4th ed., pp.331-333). Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P. (2008) Child PECC – Parent's Evaluation of Child's Conduct. In Rohner, R. & Khaleque, A. *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*. (4^aed.) Storrs, CT: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P. (2010). Perceived Teacher Acceptance, Parental Acceptance, and the Adjustment, Achievement, and Behavior of School-Going Youths Internationally. *Cross-Cultural Research*, 44(3), 211-221. doi: 10.1177/1069397110366849
- Rohner, R., Khaleque, A. & Cournoyer. (2012). Introduction to parental, acceptance-rejection theory, methods, evidence, and implications. *University of Cunnecticut*, 1-31.

Retrieved from <http://csiar.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/494/2014/02/INTRODUCTION-TO-PARENTAL-ACCEPTANCE-3-27-12.pdf>

Rueckert, L. (2011). *Gender differences in empathy*. Northeastern Illinois University, Chicago. Retrieved from <http://www.neiu.edu/~Iruecker/chapter.pdf>.

Santos, E. G. (2011). *Empatia e Bullying, em alunos do 4º e do 6º ano*. (dissertação de mestrado). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa. Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5838/1/ulfpie039868_tm.pdf

Sherman, L. W. (2010). Defiance, compliance and consilience: A general theory of criminology. In E. McLaughlin & T. Newburn (Eds.), *The SAGE handbook of criminological theory* (360-390). London, England: Sage.

Simões, M. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Smith, A. (2006). Cognitive empathy and emotional empathy in human behaviour and evolution. *The Psychological Record*, 56, 3-21. Retrieved from <http://opensiuc.lib.siu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1128&context=tpr>

Spohn, R. E. & Kurtz, D. L. (2011). Family Structure as a Social Context for Family Conflict: Unjust Strain and Serious Delinquency. *Criminal Justice Review*, 36(3), 332-356.

Szalavitz, M., & Perry, B. (2010). *Born for Love*. New York: William Morrow

Özdikmenli-Demir, G. & Demir, S. (2014). Testing the Psychometric Properties of the Scale of Ethnocultural Empathy in Turkey. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 47(1), 27-42. doi: 10.1177/0748175613513805

Tavakol, S., Dennick, R., & Tavakol, M. (2011). Empathy in U.K. medical students: Differences by gender, medical year and specialty interest. *Education for Primary Care*, 22(5), 297-303

- Tassinari, M. A. & Durange, W. T. (2014). Experiência empática: da Neurociência à Espiritualidade. *Revista da abordagem sistémica- Phenomenological Studies*, 20(1), 53-60.
- Telle, N. T. & Pfister, H. R. (2015). Positive Empathy and Prosocial Behavior: A Neglected Link. *Emotion Review*, 3, doi: 10.1177/1754073915586817
- Tulviste, T. & Rohner, R. P. (2010). Relationships Between Perceived Teachers' and Parental Behavior and Adolescent Outcomes in Estonia. *Cross-Cultural Research*, 44(3), 222–238. doi: 10.1177/1069397110366797
- Tyler, K. A., Brownridge, D. A. & Melander, L. A. (2011). The Effect of Poor Parenting on Male and Female Dating Violence Perpetration and Victimization. *Violence and Victims*, 26(2), 218-230. doi: 10.1891/0886-6708.26.2.218;
- Veiga, F. H. (2007). Investigação dos comportamentos escolares disruptivos: Duas escalas de avaliação. In J. J. G. Linhares, M. C. Fuentes, A. J. C. Dias, & N. Y. Russel (Orgs.), *Mejora de la convivencia y programas encaminados a la prevención y intervención de la coso escolar* (pp.71-77). Almería: Universidad de Almería. Retrieved from http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6434/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_%20comportamentos_escolares_disruptivos.pdf
- Velez, M. (2010). *Indisciplina e Violência na Escola: Factores de Risco – Um estudo com alunos do 8º e 10º anos de escolaridade* (dissertação de mestrado). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Wagner, N. J., Willoughby, M. T., Mills-Koonce, W. R., Zvara, B., & Cox, M. J. (2015). Parenting and Children's Representations of Family Predict Disruptive and Callous-Unemotional Behaviors. *Developmental Psychology*, 51(7), 935–948. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0039353>
- Wang, J., McDonald, K. L., Rubi, K. H., & Laursen, B. (2012). Peer rejection as a social antecedente to rejection sensitivity in youth: the role of relational valuation. *Personality*

and Individual Differences, 53, 939-942. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j-paid.2012.07.007>.

Wied, M., Goudena, P. P., & Matthys, W. (2005). Empathy in boys with disruptive behavior disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46(8), 867–880. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00389.x

Wied, M., Wied, C. G., & Boxtel, A. (2010). Empathy dysfunction in children and adolescents with disruptive behavior disorders. *European Journal of Pharmacology*, 626(1), 97-103. doi: 10.1016/j.ejphar.2009.10.016.

Williams, V. D., Ayer, B., & Hawkins, A. (2007). Understanding race and gender differences in delinquent acts and alcohol and marijuana use: A developmental analysis of initiations. *Social Work Research*, 31, 71-81. doi: 10.1093/swr/31.2.71

Wölfer, R., Cortina, K. S., & Baumert, J. (2012). Embeddedness and empathy: How the social network shapes adolescents' social understanding. *Journal of Adolescence*, 35(5), 1295–1305. 10.1016/j.adolescence.2012.04.015.

